



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 29/10/2021 a 04/11/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
29/10/2021	12,35	332,60	61,27	7,72	5,68
01/11/2021	12,36	329,10	61,97	7,97	5,79
02/11/2021	12,44	337,20	61,99	7,91	5,73
03/11/2021	12,31	340,80	61,03	7,81	5,64
04/11/2021	12,09	335,80	59,58	7,73	5,59
Média	12,31	335,10	61,17	7,83	5,69

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	160,00	
RS – Não Me Toque	160,00	
RS – Londrina	157,00	
PR – Cascavel	158,00	
MT – C.N.Parecis	154,00	
MS – Maracaju	155,00	
GO - Rio Verde	158,00	
BA – L.E.Magalhães	161,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	86,00	CIF
Porto de Paranaguá	89,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	83,00	
SC – Rio do Sul	85,00	
PR – Cascavel	80,00	
PR – Londrina	79,00	
MT – C.N.Parecis	71,00	
MS – Maracaju	75,00	
SP – Itapetininga	85,00	
SP – Campinas	88,00	CIF
GO – Rio Verde	79,00	
GO – Jataí	74,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	85,00	
RS – Não Me Toque	85,00	
PR – Londrina	88,00	
PR – Cascavel	91,00	

Período: 03/11/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 04/11/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	83,00	161,55	84,82

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
04/11/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	70,52
Feijão (saco 60 Kg)	253,44
Sorgo (saco 60 Kg)	64,50
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,06
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,17**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,94

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Outubro/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago ficaram estáveis nesta primeira semana de novembro, porém, um viés de baixa surgiu no final da mesma. O fechamento do dia 04, quinta-feira, para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 12,09, contra US\$ 12,33 uma semana antes. A média de outubro fechou em US\$ 12,30/bushel, registrando mais um recuo mensal, neste caso de 3,7%. Este é o quinto recuo consecutivo na média mensal do bushel de soja, em Chicago, para o primeiro mês cotado. Em outubro do ano passado o bushel fechou na média de US\$ 10,54.

Enquanto isso, a colheita da soja nos EUA, até o último domingo (31), foi concluída em 79% da área, contra 81% esperados pelo mercado e 81% na média histórica. Em paralelo, na semana encerrada no dia 28/10, as exportações de soja estadunidense chegaram a 1,86 milhão de toneladas para a safra 2021/22, ficando dentro do esperado pelo mercado. A China foi o principal comprador da soja estadunidense na semana, com mais de 1,2 milhão de toneladas. O país asiático já teria comprometido comprar 20,6 milhões de toneladas, contra 31,6 milhões no ano anterior. Em todo o ano comercial atual os EUA já venderam 32,3 milhões de toneladas, volume este bem abaixo das 48,4 milhões do mesmo período do ano anterior. Os EUA esperam exportar 56,9 milhões de toneladas de soja neste ano comercial 2021/22.

Por sua vez, na Argentina, representantes de produtores locais informam que estimam um plantio de soja na menor área dos últimos 15 anos. Grande parte desta redução se deve ao regime fiscal do reintegro, de 33%, imposto pelo governo argentino sobre as exportações do grão, e dos 31% imposto sobre as exportações de farelo de soja. Os produtores locais acusam o Estado argentino de não ser um parceiro do agronegócio, indicando que a carga tributária sobre o setor é impossível de sustentar. Por enquanto, também devido as condições climáticas, o plantio da nova safra de soja está bastante lento no vizinho país. Nos últimos 20 anos o aumento da área semeada com soja na Argentina foi de apenas 28%, muito abaixo do registrado no Brasil e no Paraguai. Ao mesmo tempo, neste período, a produção mundial de soja aumentou 95%, com o volume colhido passando de 197 milhões de toneladas na safra 2002/2003 para 384 milhões estimadas para 2021/22. Na América do Sul, o crescimento foi de 93,9 milhões para 212,3 milhões de toneladas. São cerca de 63,8 milhões de hectares cultivados com soja na América do Sul, com a Argentina respondendo por 25%. O potencial argentino é para uma produção de 70 milhões de toneladas, porém, nos últimos tempos a mesma fica ao redor de 50 milhões e, as vezes, até abaixo disso.

Ainda na Argentina, seus produtores de soja venderam 33,1 milhões de toneladas da safra 2020/21 até o dia 27 de outubro. O ritmo de vendas está abaixo do ano anterior. Corroborando o afirmado anteriormente, em 2020/21 a produção argentina ficou em apenas 43,1 milhões de toneladas da oleaginosa, contra 49 milhões em 2019/20. Para a nova safra, espera-se uma colheita de 44 milhões de toneladas, sendo que 2,6 milhões já teriam sido vendidas antecipadamente. (cf. Bolsa de Buenos Aires)

Para além desta realidade argentina, o mercado trabalhou com outra notícia impactante durante a semana. Depois da China, a Rússia anunciou que irá limitar suas exportações de fertilizantes. Os russos determinaram cotas de exportação para os fertilizantes complexos, na casa de 5,35 milhões de toneladas e dos nitrogenados em 5,9 milhões. O objetivo é diminuir os efeitos das altas destes insumos junto aos custos

de produção dos produtores rurais locais, além da crise energética. Tais cotas começam a valer em dezembro. Em todo o hemisfério norte os agricultores já mostram que o choque na oferta de insumos tem se tornado uma preocupação cada vez maior e mais grave, diante da alta descontrolada dos fertilizantes mas, principalmente, frente à falta de produto, algo que já atinge o Brasil também. Especificamente para nosso país o impacto da decisão russa, seguindo a China, deve ser enorme, uma vez que boa parte dos fertilizantes, especialmente o cloreto de potássio, vem da Rússia. De janeiro a setembro, foram importadas 2,62 milhões de toneladas deste insumo russo, ou seja, 29% do total que chegou aos portos brasileiros. Além do cloreto, o Brasil depende muito do nitrato de amônio, sendo que mais de 98% do volume importado deste produto é oriundo da Rússia. Já em ureia o país importou 1,07 milhão de toneladas da Rússia, o que significa 20% do total. Por fim, das 3,6 milhões de toneladas de MAP importadas pelo Brasil, 30% vieram da Rússia. (Cf. Agrinvest Commodities)

Dito isso, os preços no Brasil recuaram um pouco diante do pequeno recuo do câmbio, onde o dólar voltou à casa dos R\$ 5,60, e do recuo de Chicago. Com isso, a média gaúcha no balcão ficou em R\$ 161,55/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 154,00 e R\$ 161,00/saco.

O plantio da nova safra de soja brasileira chegava a 51% da área em 29/10, superando a média histórica, a qual é de 40,4% para o final de outubro. No Mato Grosso, o plantio chegava a 83%, contra a média de 67%. No Paraná, a área ocupava 63% do esperado, abaixo da média de 65%. Além do Mato Grosso e do Paraná, o Mato Grosso do Sul, no final de outubro, havia semeado 46% e Goiás 50%. No Rio Grande do Sul a semeadura da oleaginosa atingia ao redor de 10%, enquanto o milho chegava a 80% e a colheita do trigo batia em 30% da área. Em São Paulo, o plantio da soja atingia a 45% e no Maranhão e Piauí algo em torno de 7%. Tocantins atingia a 17% e na Bahia algo em torno de 9%. (cf. Safras & Mercado)

MERCADO DO MILHO

A cotação do milho em Chicago, para o primeiro mês cotado, fechou a quinta-feira (04) em US\$ 5,59/bushel, contra US\$ 5,62 uma semana antes. A média de outubro ficou em US\$ 5,36, representando um aumento de 3,5% sobre setembro. No ano passado, em outubro, a média havia sido de US\$ 3,98/bushel.

A colheita da nova safra de milho dos EUA atingia a 74% da área total, contra a média histórica de 66% para esta época do ano (31/10). Em termos de embarques do cereal, os EUA indicavam um total de 1,22 milhão de toneladas na semana encerrada em 28/10, ficando dentro das projeções do mercado. Neste momento, o milho estadunidense estaria muito caro, levando os importadores a buscarem o produto no Brasil. Em todo o ano comercial atual os EUA já venderam 31 milhões de toneladas, ficando um pouco abaixo do realizado no mesmo período do ano anterior. Os EUA esperam exportar 63,5 milhões de toneladas de milho em 2021/22

E no Brasil os preços do cereal se mantiveram estáveis. A média, no balcão gaúcho, bateu em R\$ 83,00/saco, enquanto nas demais praças nacionais o valor do produto oscilou entre R\$ 71,00 e R\$ 85,00, enquanto o CIF Campinas (SP) permaneceu em R\$ 88,00/saco.

Já na B3, a abertura do pregão da quinta-feira (04) apontava os seguintes valores: para o contrato novembro, R\$ 88,52/saco; janeiro, R\$ 88,68; março, R\$ 88,73; e maio R\$ 84,85/saco.

Apesar destes preços, o viés tem sido de baixa no momento, pois o fabricante de ração não consegue repassar os preços do cereal para o restante da cadeia animal. Além disso, a importação continua chegando aos portos nacionais. Em contrapartida, a desvalorização recente do Real favorece a um aumento nas exportações.

Em paralelo, a nova safra de verão 2021/22 atingia a 59% da área do Centro-Sul já semeada. (cf. Céleres e Abramilho) No Mato Grosso, espera-se um aumento de área de 6,4% na safra de milho, atingindo ao patamar de 6,22 milhões de hectares. Espera-se que a safrinha local seja 92% semeada dentro da janela ideal, a qual se encerra no final de fevereiro de 2022. A produtividade média esperada é de 106 sacos/hectare, ou seja, 14,5% acima do registrado neste último ano. A grande preocupação local, como em todo o Brasil e mesmo mundo, está no aumento dos custos de produção. Pelo sim ou pelo não, o Mato Grosso espera colher 39,6 milhões de toneladas de milho em 2021/22, representando 21,5% acima da parcialmente frustrada safra passada. (cf. Imea)

Quanto às exportações do cereal, o Brasil espera atingir a 1,96 milhão de toneladas em novembro. Isso significa um recuo de três milhões de toneladas sobre o mesmo mês do ano passado. Em outubro, conforme a Secex, o país exportou 1,8 milhão de toneladas de milho. Espera-se um total geral neste ano comercial de apenas 16,5 milhões de toneladas, na melhor das hipóteses 18 milhões. A média diária continua muito abaixo da obtida no ano passado. Por enquanto, entre janeiro e outubro o Brasil teria exportado 14,6 milhões de toneladas, volume cerca de 20% menor do que no mesmo período do ano anterior.

Em termos de importações, outubro acumulou um total de 503.000 toneladas do cereal. Isso significa 164% acima do registrado no mesmo mês do ano passado, sendo que o preço subiu quase 82% no período, com a tonelada passando de US\$ 131,10 para US\$ 238,40. Assim, nos 10 primeiros meses do ano o Brasil já teria importado cerca de 2,14 milhões de toneladas de milho. (cf. Secex)

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, dispararam durante esta semana, com o primeiro mês atingindo níveis que não eram vistos desde julho de 2012, ou seja, próximos a US\$ 8,00/bushel. Mesmo cedendo no transcorrer da semana, o fechamento da quinta-feira (04) ficou no nível elevado da semana anterior, ou seja, US\$ 7,73/bushel, contra US\$ 7,72 uma semana antes. Por outro lado, a média de outubro ficou em US\$ 7,45/bushel, representando um aumento de 6% sobre a média de setembro. Tal média mensal é a mais elevada, para o trigo, desde janeiro de 2013. Lembrando que a média de outubro de 2020 havia sido de US\$ 6,06.

Por sua vez, o plantio do trigo de inverno nos EUA, até o dia 31/10, atingia a 87% da área esperada, contra 86% na média histórica. Deste percentual, 67% estava

emergido, contra 68% na média histórica para esta data. Já as condições das lavouras apresentavam 45% entre boas a excelentes, 34% regulares e 21% entre ruins a muito ruins.

Paralelamente, os embarques de trigo, por parte dos EUA, na semana encerrada em 28/10, atingiram a 115.341 toneladas, ficando abaixo das expectativas do mercado, mais uma vez. Com isso, o total já exportado neste novo ano comercial atinge a 9,65 milhões de toneladas, ou seja, 15% a menos do que o registrado em igual período do ano anterior.

O forte aumento nas cotações do trigo em Chicago se deveu a um grande número de acordos de exportação, incluindo Arábia Saudita e Egito, e diante de preocupações com as colheitas ruins de trigo da primavera nos EUA. Tais ganhos ajudaram a puxar para cima o milho igualmente. Na verdade, há uma preocupação generalizada com as diferentes safras mundiais do cereal, na medida em que também o Canadá, a Alemanha, a França e a Rússia sofreram com o clima. O mundo começa a se preocupar com mais intensidade com a alta dos fertilizantes e, por consequência, dos alimentos no varejo. No caso dos fertilizantes, há preocupação quanto a possibilidade de os produtores mundiais semear áreas menores, visando reduzir os custos de produção, fato que aumentaria o aperto na oferta de grãos em geral.

Já no Brasil os preços sobem lentamente, mesmo com a colheita evoluindo. A média no balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 84,82/saco, enquanto no Paraná o produto permaneceu entre R\$ 88,00 e R\$ 91,00/saco. As negociações estão lentas, com os produtores armazenando o cereal de melhor qualidade. Muitos estariam esperando para negociar o cereal no primeiro semestre do próximo ano, quando espera-se preços ainda mais elevados. Isso está sendo alimentado pelas revisões para baixo na atual safra brasileira. No Paraná, com a colheita chegando a 82% da área, o número final esperado já está em 3,24 milhões de toneladas, confirmando os alertas que fazíamos neste espaço sobre a possibilidade de a atual safra vir a ser menor do que o esperado, devido as intempéries. O volume, então, ficará muito próximo aos 3,19 milhões do ano anterior, mesmo com um aumento de 7% na área semeada na corrente safra. No Rio Grande do Sul, onde a colheita chegava a 30%, aproximadamente, no final de outubro, contra perto de 50% na média histórica, a possibilidade de revisões para baixo no volume final igualmente existe. E há, ainda, a questão da qualidade do produto a ser observada. Em Santa Catarina, a colheita do trigo beirava os 30% na virada do mês.